

LUIS VALLE GOICOCHEA: DUAS OBRAS EM PORTUGUÊS

*Traducción y nota de Alessandro Atanes**

alessandroatanes@gmail.com

Resumen: En esta oportunidad, Alessandro Atanes presenta y traduce por vez primera al portugués dos breves libros de poesía de Luis Valle Goicochea: *Sal* (1939) y *Miss Lucy King y su poema* (1940). El traductor toma dos obras significativas de la *Obra poética* que publicó el Instituto Nacional de Cultura en 1974¹². Al publicar estas traducciones en bilingüe, Atanes amplía el panorama que de la obra de Valle Goicochea se tiene en Perú, en Brasil y en Latinoamérica.

* Alessandro Atanes es periodista de profesión. Reside en Santos y es magíster en Historia Social (Universidade de São Paulo, 2008). Sus investigaciones tuvieron como resultado el libro *Esquinas del mundo: ensayos sobre historia y literatura a partir del puerto de Santos* (2013). Realiza en la Associação Cultural José Martí los cursos “Conoce Santos a través de la literatura” e “Historia y literatura en América Latina”, además de ser el conductor de los encuentros del SUR Clube de Literatura Latino-americana. Actualmente, escribe en el blog *Estante de Atanes* (<https://santaportal.com.br/blog/estante-do-atanes>). Ha traducido al portugués autores latinoamericanos, especialmente peruanos como Óscar Limache y Javier Heraud. También compone y toca guitarra.

¹ Valle Goicochea, L. (1974). Sal. En *Obra poética* (A. Miró Quesada, Pról.; F. Izquierdo Ríos, Comp.) (pp. 196-197). Instituto Nacional de Cultura.

² Valle Goicochea, L. (1974). Miss Lucy King y su poema. En *Obra poética* (A. Miró Quesada, Pról.; F. Izquierdo Ríos, Comp.) (pp. 148- 155). Instituto Nacional de Cultura.



Palabras clave: Luis Valle Goicochea, poesía peruana, poesía latinoamericana, traducción de poesía, Alessandro Atanes.

LUIS VALLE GOICOCHEA: TWO WORKS IN PORTUGUESE

Abstract: In this opportunity, Alessandro Atanes presents and translates into Portuguese for the first time two short poetry books by Luis Valle Goicochea: *Sal [Salt]* (1939) and *Miss Lucy King y su poema [Miss Lucy King and her poem]* (1940). The translator takes two significant works from the *Obra poética [Collected poems]* published by the Instituto Nacional de Cultura in 1974. By publishing these translations in a bilingual version, Atanes broadens the panorama that Valle Goicochea's work has in Peru, Brazil and Latin America.

Keywords: Luis Valle Goicochea, Peruvian Poetry, Latinoamerican Poetry, Poetry Translation, Alessandro Atanes.

Avesso que sou à arbitrariedade das misturas –ainda que por ventura úteis– de antologias e compilações, optei para estas traduções de Luis Valle Goicochea para o português por dois conjuntos de poemas de sua *Obra poética*, à qual tive o prazer de ser apresentado por Manuel Barrós ao me convidar para participar dessa edição dos *Cuadernos Literarios*.

Dizem que o autor de ensaios tem a felicidade de estar a serviço da obra de outra pessoa. Essa felicidade talvez seja alcançada também por compositores de trilhas sonoras, intérpretes e tradutores.

Talvez soe um tanto iluminista afirmar que cada tradução levante pontes entre os povos, mas deve-se acreditar pelo menos um pouco nisso, o interesse das pessoas por outras pessoas de outros lugares, próximos ou distantes, pelo que se fala lá ou ali, o que se come em tal ou qual restaurante, um interesse pelo outro que no fundo é um interesse por si mesmo, um orgulho de dividir o mundo. Além dessa diplomacia poética, penso na aventura que é frequentar outra língua, ter que compreender o outro e a si por outra linguagem, perceber como sentidos anteriormente fixos deslizam-se em novas perspectivas, uma riqueza a alcance de cada um que porventura abrir um livro em uma língua que não a sua.

Agradeço a confiança depositada em mim por Juan Valle Quispe e por Manuel, companheiro deste nobre ofício de dar voz ao outro. Fica o prazer de ter trazido para o

português mais uma obra poética desse Peru que tanto amo e que me traz saudades, palavra tão portuguesa.

Mas nada disso me livra do desacerto de eventuais soluções.
E que se levantem mais pontes.

OTRA VOZ

SAL / SAL

SAL

a Jerónimo Alvarado Sánchez

Sal que me sorprende en el yantar amigo
y en el recuerdo inacabable
de otros días.

Al lado de la esperanza la congoja.
Un viento alegre persigue al árbol muerto.
La luz. La noche en inminencia.
Lo tornátil, lo fijo. La piedad,
Lo que no es. Lo que ha de ser. La sombra.
El quieto diamante en que la luz conjuga
trémulos matices de impaciencia.
Pasa la ronda
de los días presentes, lentamente
y saluda a la ronda de los días de antes.
Sal amarga, Dios mío.
Sal en la garganta de los pájaros,
de la mañana,
de los niños,
de la primavera, sal
en mi garganta.

(Yo sé cuál es en la casa lejana el muro negro
donde irá a llorar conmigo, Jeremías)

SAL

para Jerónimo Alvarado Sánchez

Sal que me surpreende no jantar amigo
e na lembrança inacabável
de outros dias.

Ao lado da esperança a aflição.
Um vento alegre persegue a árvore morta.
A luz. A noite em iminência.
O torneável, o fixo. A piedade,
O que não é. O que há de ser. A sombra.
O quieto diamante em que a luz conjuga
trêmulos matizes de impaciência.
Passa a ronda
dos dias presentes, lentamente
e acena à ronda dos dias de antes.
Sal amargo, meu Deus.
Sal na garganta dos pássaros,
da manhã,
das crianças,
da primavera, sal
em minha garganta.

(Eu sei qual é na casa distante o muro negro
onde irá chorar comigo, Jeremias)

EL VIAJERO

a Aurelio Miró Quesada Sosa

(Alguien de la casa
se va —no sabemos a dónde—
en su caballo negro)

En este día radiante del estío,
en que alguien de la casa ha de ausentarse,
en un barullo incomprensible se habla
de meses, de leguas y de viajes.

No puede más mi madre,
sollozante se acerca al ululante grupo
y toda imploración, las manos juntas:
— Si pronto va a volver, callen, suplica...
Se apagan comentarios y preguntas.
Pasito llega el aya a nuestro lado
y nos pide silencio.
— Su papá ha amanecido
de mal humor, nos dice.

Día de sol nuestra alegría
se sobrecoge
como tocada por un repentino
hálito glacial.

Vuela el presagio.

Crece una noche torva cerca de la casa
y avanza a despecho de la misma luz.

O VIAJANTE

para Aurelio Miró Quesada Sosa

(Alguém da casa
se vai —não sabemos aonde—
em seu cavalo negro)

Neste dia radiante do estio,
em que alguém da casa há de se ausentar,
em um barulho incompreensível fala-se
de meses, de léguas e de viagens.

Não aguenta mais minha mãe,
soluçante aproxima-se do ululante grupo
e toda imploração, as mãos juntas:

— Se logo irá voltar, calem-se, suplica...
Apagam-se comentários e perguntas.

Devagarinho chega a aia a nosso lado
e nos pede silêncio.

— Seu pai amanheceu
de mal humor, nos diz.

Dia de sol nossa alegria
se sobressalta
como tocada por um repentina
hálito glacial.

Voa o presságio.

Cresce uma noite torva perto da casa
e avança a despeito da própria luz.

MI PADRE CALLA

a Luis F. Valle

Casi hasta el alba estuvo
la lámpara encendida.
El lucero del alba la vio ardiendo.
Lo comentan bajito, los mayores.
Amaneció mi padre caminando a tardos pasos
y con los ojos clavados en el suelo.
Es cierto, estuvo en pie como los otros días
apenas llegó a la casa la mañana,
pero era pensativo su aire
y eran sus movimientos maquinales.
A su lado, con él desayunó mi madre
sin decirle una palabra, suspirando.

Sin embargo,
los árboles, los pajaritos, la mañana,
ebriedad musical, halagüeño color y gloria ufana...

Me duele el corazón. Avanza el día...

El Comercio. Lima, 31 de diciembre de 1939

MEU PAI CALA

para Luis F. Valle

Quase até a aurora esteve
a lâmpada acesa.
A estrela d'alva a viu ardendo.
Comentam baixinho, os mais velhos.
Amanheceu meu pai caminhando a tardios passos
e com os olhos cravados no chão.
É certo, ficou em pé como em outros dias
assim que chegou à casa a manhã,
mas era pensativo seu ar
e eram seus movimentos maquinais.
A seu lado, com ele tomou o café minha mãe
Sem lhe dizer uma palavra, suspirando.

No entanto,
as árvores, os passarinhos, a manhã,
ebriedade musical, lisonjeira cor e glória ufana...

Dói-me o coração. Avança o dia...

El Comercio. Lima, 31 de dezembro de 1939

MISS LUCY KING Y SU POEMA / MISS LUCY KING E SEU POEMA

I

ELLA

¡Good bye, miss Lucy King, good bye!
La ocasión es dulce como el campo en octubre
y usted, miss Lucy King, la víspera de Pascua,
el aguinaldo rosa de los ángeles mismos.

Su saludo dolido, la medianoche iluminada
y en cada uno de sus ojos encendidos
un vibrante pájaro cantor.

Good bye, repite miss
y de mi vida entera se despide.

Vedla así por unos brevísimos instantes.
No se la lleva un trasatlántico, se queda,
pero se sabe, por no sé qué corazonada,
que es la única vez que se la ve.

Miss Lucy King, usted se va.
Usted será en países brumosos una flor extraña,
la luz personificada, una aurea nube,
el arco iris, un juguete,
todo será usted, miss Lucy King y también nada.

Good bye, se despide
del viejo profesor
y yo que estoy cerca recojo lo tremante
de ese adiós que me llega,
miss Lucy, al corazón,
de ese adiós que me deja
un sabor que jamás he de olvidar.

Good bye, miss Lucy King .

1
ELA

Good bye, miss Lucy King, good bye!
A ocasião é doce como o campo em outubro
e a senhora, miss Lucy King, a véspera da Páscoa,
o regalo rosa dos próprios anjos.

Seu aceno doído, a meia-noite iluminada
e em cada um de seus olhos acesos
um vibrante pássaro canoro.

Good bye, repete miss
e de minha vida inteira se despede.

Vê-la assim por uns brevíssimos instantes.
Não é levada por um transatlântico, deixa-se,
mas sabe-se, por não sei qual palpite,
que é a única vez que é vista.

Miss Lucy King, a senhora parte.
A senhora será em países brumosos uma flor rara,
a luz personificada, uma áurea nuvem,
o arco-íris, um brinquedo,
tudo a senhora será, miss Lucy King, e também nada.

Good bye, despede-se
do velho professor
e eu que estou perto recolho o tremante
desse adeus que me chega,
miss Lucy, ao coração,
desse adeus que me deixa
um sabor que jamais hei de esquecer.

Good bye, miss Lucy King.

**II
SU NOMBRE**

Usted, miss Lucy King,
me dirá sonriendo que ese nombre
no es su nombre, ¿verdad?

Aún los poetas no lo han dicho,
no lo cantan los violines todavía.

Es inédito su nombre: está en el cielo
bajo el ala plegada de un arcángel,
y es tan remoto y tan de ensueño ahora,
como la belleza que invoca nuestro verso,
que apenas si logramos presentir
pero decirlo no, miss Lucy King.
Gatita, así de mentirosa;
así de dulce, gatita que recuerdo.
El mohín instintivo
y unos rubios bigotes hipotéticos.

Todo fue en un rato brevísimo y florido,
apenas si el que duró su despedida;
pues, ¿lo recuerda usted miss Lucy King?
la conocí despidiéndose de mí.
Diome la mano amiga
diciendo adiós la linda pelirroja.
Ahora se obstina, en el recuerdo,
en hablar de su nombre.

Yo le digo:

— Su nombre debe ser muy pequeñito,
como un gorrión perdido en la distancia, por ejemplo;
o si usted quiere como la gotita de agua

que en un ensueño minúsculo le habló.
O como esa fina ceja que yo viera en una
filigrana imposible.

Sonriendo, miss Lucy King, dice que sí.

II
SEU NOME

A senhora, miss Lucy King,
me dirá sorrindo que esse nome
não é seu nome, verdade?

Ainda os poetas não o falaram,
Não o cantam tampouco os violinos.

É inédito seu nome: está no céu
sob a asa curvada de um arcanjo,
e é tão remoto e tão onírico agora,
como a beleza que invoca nosso verso,
que conseguimos apenas pressentir
porém não dizê-la, miss Lucy King.
Gatinha, assim de mentirosa;
assim de doce, gatinha que recordo.
O trejeito instintivo
e uns loiros bigodes hipotéticos.

Tudo foi em um momento brevíssimo e florido,
apenas o que durou sua despedida;
pois, recorda-se a senhora, miss Lucy King?
a conheci despedindo-se de mim.
Deu-me a mão amiga
dizendo adeus a linda loira.
Agora se obstina, na recordação,
em falar de seu nome.

Eu lhe digo:

— Seu nome deve ser bem pequeninho,
como um pardal perdido na distância, por exemplo;
ou se a senhora quiser como a gotinha de água

que em um sonho minúsculo lhe falou.
O como esa fina sobrancelha que eu visse em uma
filigrana impossível.

Sorrindo, miss Lucy King diz que sim.

III SU ELEGÍA

Miss Lucy King, ¡su muerte! Yo le canto
una íntima epopeya.

Vino ella al mundo en una extraña
batalla de luz, llegó a mi vida
en un brusco relámpago bravío,
fulgurador de ansias y presentimientos.

Miss Lucy King ha muerto, yo le clamo.
Miss Lucy King ha muerto, y no lo creo,
pues, están, como antes, en el alma,
la apacible confianza y la ternura.

No os contaré, no, el episodio de la hormiga
que se perdió tras su sonrisa
y que volvió palabra, primorosa palabra.

Miss Lucy King, el último diamante.
Un trópico de pasión aniquilado
por un soplo cobarde
o del invierno en celo o de la suerte
perversa porque sí.

Ay, lo que pudo
ser una dócil floración tranquila,
o la buena y eterna
estrella del destino, de un sereno destino.

Ha muerto miss Lucy King, mas os advierto
que sólo ha muerto en mis versos y en mi vida.

Se trunca
a la voz de un ruego
que nos ablanda a mí
y a la bella mentira que es todo esto,
ay, se trunca
su pálida elegía.

III
SUA ELEGIA

Miss Lucy King, sua morte! Eu a canto
uma íntima epopeia.

Veio ela ao mundo em uma rara
batalha de luz, chegou em minha vida
em um brusco relâmpago bravio,
fulgurador de ânsias e pressentimentos.

Miss Lucy King está morta, eu clamo.
Miss Lucy King está morta, eu não creio,
pois, estão, como antes, na alma,
a aprazível confiança e a ternura.

Não, a ninguém contarei o episódio da formiga
que se perdeu atrás de seu riso
e que virou palavra, primorosa palavra.

Miss Lucy King, o último diamante.
Um trópico de paixão aniquilado
por um sopro covarde
ou do inverno em ciúme ou da sorte
perversa porque sim.

Ai, o que poderia ter
sido uma dócil floração tranquila,
ou a boa e eterna
estrela do destino, de um sereno destino.

Está morta miss Lucy King, mas os advirto
que só está morta em meus versos e em minha vida.

Trunca-se
à voz de um rogo
que nos abranda a mim
e à bela mentira que é tudo isto,
ai, trunca-se
sua pálida elegia.

ENVÍO

Un chasquido en el agua cual si fuera
el golpear de exasperados remos.

Un febril chapoteo.

Un enredo de luces sobre el río.

Entre ánades, miss Lucy King y a flor del agua
en un fresco retozar se burla
del abrazo apretante del estío.

En un lecho de raso, para siempre,
entre blancos purísimos descansa
miss Lucy King, ay para siempre.

La mira el ojo quieto —llama absorta—
de cirios amarillos.

A usted miss Lucy King, allá en el cielo,
exploradora, ecuyere, una, diversa,
a usted en Pekín, en Edimburgo,
a usted miss Lucy King, mi providencia,
a usted miss Lucy King, mi ansia y mi tristeza!

REMESSA

Um estalido na água como se fosse
o golpear de exasperados remos.

Um febril chapisco.

Um enredo de luzes sobre o rio.

Entre patos reais; miss Lucy King, e à flor d'água,
em um fresco deleite se burla
do abraço apertado do estio.

Em um leito ao raso, para sempre,
entre brancos puríssimos descansa
miss Lucy King, ai, para sempre.

O olho a vê quieto —chama absorta—
de círios amarelos.

À senhora, miss Lucy King, lá no céu,
exploradora, *écuyère*, una, diversa,
à senhora em Pequim, em Edimburgo,
à senhora, miss Lucy King, minha providência,
à senhora, miss Lucy King, minha ânsia e minha tristeza!